

Entre Freud e Abraham: um estudo das pulsões e das relações de objeto nas fundações da psicanálise

Between Freud and Abraham: a study of drives and object relations in the foundations of psychoanalysis

Entre Freud y Abraham: un estudio de las pulsiones y relaciones de objeto en las fundaciones del psicoanálisis

*Ercílio Domingos Turato Junior**

*Érico Bruno Viana Campos***

*Josiane Cristina Bochhi****

Resumo

Buscamos neste ensaio apresentar algumas das principais transformações pelas quais passou a psicanálise no seu desenvolvimento histórico. Nesse movimento, os chamados paradigmas pulsional e objetual foram se estabelecendo como principais referências ao campo psicanalítico. Nossa intenção principal foi conhecer como a relação de objeto está presente na teoria pulsional de Freud, sobretudo na primeira tópica. Ademais, saber como a dinâmica pulsional e o objeto se apresentam no pensamento de um dos principais psicanalistas da primeira geração, Karl Abraham. Como desdobramento deste estudo, apresentamos alguns dos efeitos de como a noção de objeto, presente nas teorias desses paradigmas, pode fundamentar diferentes noções de desenvolvimento, de psicopatologia e de manejo clínico em nossa contemporaneidade.

Palavras-chave: *Psicanálise; Teoria pulsional; Relações de objeto; Sexualidade.*

* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4778-9590>. E-mail: e.turato@uol.com.br

** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4716-4163>. E-mail: erico.bv.campos@unesp.br

*** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2657-9490>. E-mail: josiane.bocchi@unesp.br

Abstract

In this essay, we aim to present some of the key transformations that psychoanalysis has undergone in its historical development. In this movement, the concepts of drive and object paradigms were established as main references to the psychoanalytic field. Our primary objective was to explore the presence of object relations in Freud's drive theory, especially in the first topography. Moreover, we seek to know how the dynamic of drives and the object are present in the thinking of one of the leading psychoanalysts of the first generation, Karl Abraham. As an extension to this study, we point out some of the effects of how the notion of object, included in the theories of these paradigms, can underpin various concepts of development, psychopathology, and clinical practice in contemporary psychoanalysis.

Keywords: *Psychoanalysis; Drive theory; Object relations; Sexuality.*

Resumen

En este ensayo buscamos presentar algunas de las principales transformaciones que ha sufrido el psicoanálisis en su desarrollo histórico. En este movimiento, los denominados paradigmas pulsionales y objetal se establecieron como referencias principales al campo psicoanalítico. Nuestra intención principal era saber cómo está presente la relación de objeto en la teoría pulsional de Freud, especialmente en la primera tópica. Además, saber cómo la dinámica pulsional y el objeto se presentan en el pensamiento de uno de los principales psicoanalistas de la primera generación, Karl Abraham. Como consecuencia de este estudio, presentamos algunos de los efectos de cómo la noción de objeto, presente en las teorías de estos paradigmas, puede soportar diferentes nociones de desarrollo, psicopatología y manejo clínico en nuestros tiempos contemporáneos.

Palabras clave: *Psicoanálisis; Teoría pulsional; Relaciones de objeto; Sexualidad.*

INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem como objetivo discutir as contribuições do debate entre Sigmund Freud e Karl Abraham, que ocorre durante o período entreguerras para o campo teórico e prático da psicanálise, bem como sustentar que este debate está na fundação de dois de seus principais paradigmas teóricos: o pulsional e o objetal. Inicia-se com a caracterização histórica desse período, destacando-se que o paradigma objetal, cunhado por Mezan (2014), engloba a noção de relação de objeto em Freud e as

teorias da relação de objeto presentes em diferentes autores e escolas. Assim, no segundo tópico, vamos apresentar a noção de relação de objeto, especificamente em Freud, discutindo como essa noção se encontra articulada à teoria pulsional freudiana, e na importância destes pressupostos para a construção teórica de Freud. Nesse percurso, acreditamos ser importante abordar o trabalho de Karl Abraham, em sua interlocução com os esforços freudianos de síntese de uma teoria da libido, o qual trata sobre o desenvolvimento da libido e os modos de relações de objeto, passando por temas como a fixação, a regressão, os tipos de caráter e a psicopatologia.

Nossa intenção será demonstrar como Abraham (1924/1970), com estudos e escritos contemporâneos aos de Freud, foi um dos pioneiros a destacar a importância do objeto na dinâmica pulsional. Seu texto clássico sobre a “história da libido” é uma tentativa de síntese da teoria do desenvolvimento da libido a partir dos modelos metapsicológicos da primeira tópica e da primeira teoria das pulsões. Cabe destacar que esse autor sofreu uma morte prematura logo na sequência desses trabalhos, não podendo seguir no diálogo com as renovações que se seguiram a partir da virada dos anos vinte.

Por fim, como desdobramento e indicações deste estudo, já nas considerações finais, vamos discutir alguns dos efeitos do desenvolvimento do paradigma objetual no campo psicanalítico, sobretudo com as teorias das relações de objeto. Nesse sentido, em que pesem as fundamentais contribuições dessas teorias para o campo psicanalítico, André Green (1995, 2008) destaca que, na prática clínica contemporânea, vem prevalecendo a noção de objeto, ou mais especificamente, a primazia do objeto, a qual implica uma outra escuta para a sexualidade e, conseqüentemente, para a teoria pulsional, alterando, assim, o equilíbrio da articulação dessas propostas teóricas, estabelecendo-se diferentes noções de desenvolvimento, de psicopatologia e de manejo clínico.

PARADIGMAS PULSIONAL E OBJETAL NA HISTÓRIA DA PSICANÁLISE

Renato Mezan (2014), ao realizar uma caracterização da história da psicanálise e das transformações ocorridas na teoria, na prática clínica e no próprio movimento psicanalítico, defende que essas transformações se apresentam sob o signo da dispersão, sendo três principais as suas diásporas: geográfica, doutrinária e institucional. Desse movimento, destaca-se o surgimento de quatro principais escolas, as quais se mantêm psicanalíticas, mas, ao mesmo tempo, elaboram diferentes propostas teóricas e práticas em relação às de Freud.

A psicanálise, talvez mais do que outras teorias psicológicas, é fruto de um trabalho pioneiro de um só homem, o qual inaugura um campo discursivo próprio (Campos, 2010). Nesse sentido, Mezan (2014) aponta que, apesar das peculiaridades e diferenças, todas as escolas derivam da raiz freudiana e, de algum modo, se estruturam a partir de um movimento conceptual, realizado pelo fundador da psicanálise, o qual envolve três fatores: uma matriz clínica, a sua autoanálise e o clima cultural. Assim, Freud parte da clínica e da sua autoanálise para elucidar o enigma da histeria e o seu próprio luto neurótico pela morte do pai, além de debruçar-se sobre a sexualidade e sobre os sonhos; a partir do clima cultural, encontra modelos do que é psique, emoções, pensamentos e linguagem, bem como do que é fazer ciência. Essas fontes permanecem presentes em todas as teorias do campo psicanalítico, sendo a autoanálise substituída por uma leitura particular da obra freudiana. A partir dessas fontes, se constitui um método que é ao mesmo tempo investigativo e terapêutico, bem como uma teoria que, do ponto de vista epistemológico, desdobra-se em quatro dimensões: 1) uma teoria geral da psique, a qual envolve uma produção convergente e sistemática de uma metapsicologia; 2) uma teoria da gênese e do desenvolvimento da psique; 3) uma concepção das várias soluções possíveis para os conflitos fundamentais, desenvolvendo uma teoria psicopatológica; 4) uma concepção dos processos psicanalíticos e das modalidades de intervenção, desenvolvendo uma teoria do processo terapêutico.

A partir desse quadro esquemático, o autor considera “fundadoras de escolas psicanalíticas aquelas obras que tematizam de modo original e coerente essas quatro dimensões, propondo novos conceitos para cada uma delas” (Mezan, 2014, p. 31). Nesse critério, apenas quatro autores ou grupo de autores conseguiram compor essa integração: Melanie Klein, Jacques Lacan, aos fundadores da psicologia do ego (Hartmann, Kris e Loewenstein), e os analistas “independentes” britânicos, reunidos em torno da teoria das relações de objeto, como Fairbain e Winnicott. Essas escolas ainda derivariam da matriz freudiana, pelos seguintes motivos: a) em suas metapsicologias preservam as noções fundamentais de inconsciente e do conflito psíquico; b) em suas teorias do desenvolvimento, mantêm o fundamento de uma permanência do infantil no psiquismo adulto; c) em suas teorias psicopatológicas, operam com a categoria basilar de defesa e do sintoma como solução de compromisso entre forças psíquicas opostas; d) por fim, em suas teorias terapêuticas e métodos de intervenção, mantêm os conceitos de transferência e de resistência (Mezan, 2014). No entanto, apesar de haver os fundamentos em comum com o método e a teoria freudiana, existiriam diferenças, pois o conteúdo de cada uma das dimensões de cada teoria psicanalítica não é o mesmo nessas escolas, autores ou grupo de autores.

Para organizar essa diversidade teórica, na maneira como cada um especifica seus próprios conceitos, Mezan (2014) utiliza o termo “paradigma”, no seu sentido kuhniano, cuja primeira aplicação à estrutura do campo psicanalítico foi inicialmente proposta por dois importantes historiadores da psicanálise, Jay Greenberg e Stephen Mitchell (1983/1994). A vantagem da utilização de tal termo é a possibilidade de se incluir, no mesmo paradigma, diversos autores ou escolas, de modo que se possa falar em modelos: modelo freudiano, modelo kleiniano etc. Sendo assim, os paradigmas seriam “aquilo que, no interior da psicanálise, individualizam as diferentes tendências que atingiram em sua conceptualização a consistência, a coerência e a abrangência necessárias para que as consideremos como sistemas *per se*” (Mezan, 2014, p. 63).

Ainda a partir das contribuições de Greenberg e Mitchell, o autor destaca a indicação de que, na história da psicanálise, dois grandes paradigmas se constituíram e se desenvolveram, a saber: o pulsional e o

relacional. No entanto, o autor defende duas modificações nesta proposta dos historiadores. A primeira delas diz respeito à nomeação de um dos paradigmas. Assim, argumenta que conviria denominar o paradigma relacional de “paradigma objetal”, pois o termo “relações de objeto” vem sendo empregado para um grupo específico de autores, o dos “independentes ingleses”. A segunda sugestão envolve distinguir um terceiro paradigma, o qual denomina de “paradigma subjetal”. Essa inclusão se justifica pela peculiaridade da obra de Lacan, e do lugar eminente que, em sua teoria, ocupa a noção de sujeito, o qual não está presente nas teorias das demais escolas e não se resume ao par pulsão - objeto.

Cabe destacar que o termo “paradigma objetal” proposto engloba a noção de relação de objeto em Freud e em diferentes autores e escolas. Tanto Greenberg e Mitchell (1983/1994), quanto outros autores mais recentes (Coelho Junior, 2001; Ogden, 2002, Green, 2008), vêm destacar que na própria obra freudiana coexistem essas duas perspectivas em diferentes medidas. Assim, subsistem, lado a lado, uma linhagem pulsional, centrada em uma noção de objeto da pulsão, e uma linhagem objetal, centrada em uma noção de objeto de identificação, embora com uma ênfase maior da linhagem objetal no último momento de sua obra. Alguns autores tentam buscar uma demarcação historiográfica mais precisa, ora buscando no texto aspectos sobre a introdução ao narcisismo (Freud, 1914/1996), como Ogden (2002), ora sobre o luto e a melancolia (Freud, 1917/2016), como Green (2008) esse marco mais arbitrário. De qualquer forma, são nesses dois textos, que se forma o contraponto de abertura ao movimento de síntese dos artigos sobre a metapsicologia (Campos, 2011), que o ponto de tensionamento entre essas duas perspectivas ganha um estatuto dramático.

Em nossa proposta, iremos abordar esse tensionamento, especialmente a partir da discussão sobre a melancolia, uma vez que é esse o cerne da discussão entre Freud e Abraham, nesse período. Desse modo, iremos apresentar a noção de relação de objeto em relação a Freud, e como essa noção se encontra articulada à teoria pulsional freudiana, tema que discutiremos a seguir, ao passo que o terceiro tópico aborda a relação de objeto em Karl Abraham.

CONTRIBUIÇÕES DE FREUD

Segundo Birman (2016), a problemática da pulsão em psicanálise já se encontra presente desde os textos pré-psicanalíticos, quando Freud destaca a dimensão intensiva do psiquismo, mas, de fato, essa temática vai aparecer de forma rigorosa na síntese que se opera entre o livro de ensaios sobre a sexualidade (1905/1996) e os artigos de metapsicologia no registro dos destinos pulsionais (1915/1996). Nesse sentido, pulsão faz parte de um conjunto de articulações conceituais que começam a ser organizadas em torno do objeto central da psicanálise, o inconsciente. Conforme destaca Campos (2010), esse conceito se tornou original por não se ater apenas à descrição de qualidades inconscientes, mas por demonstrar a presença de uma lógica própria dessa região do psiquismo, ficando intimamente ligado a um princípio dinâmico geral que o completou, o qual envolve exatamente a problemática das pulsões.

Pulsão é definida por Freud como:

um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originaram dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (1915/1996, p. 27).

O autor estabelece quatro termos em relação ao conceito de pulsão. São eles: a) pressão: quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa; b) meta: o objetivo da pulsão é obter satisfação, mas isso deve ocorrer de um modo específico; c) objeto: é o suporte em relação ao qual a pulsão é capaz de atingir a sua meta. É o que há de mais variável numa pulsão (Freud, 1915/1996). Pode ser algo estranho ou uma parte do corpo, pode ser modificado quantas vezes se fizerem necessárias. O mesmo objeto pode satisfazer várias pulsões. No entanto, Freud observa que uma ligação particularmente estreita com o seu objeto pode promover “fixação”, isso geralmente ocorre em períodos iniciais no desenvolvimento da pulsão; d) fonte: é oriunda do somático, ou seja, é o próprio corpo.

Neste momento do desenvolvimento teórico da psicanálise, está sendo operado o chamado primeiro dualismo pulsional: pulsões sexuais –

pulsões de autoconservação. Para Birman (2016), Freud recusava terminantemente classificar as pulsões em uma simples descrição qualitativa, até porque decorreria disso uma infinidade de pulsões a serem nomeadas, mas sobretudo porque tal recenseamento não permitiria estabelecer o fundamental, a saber: evidenciar a existência de diferentes operadores e as funções das pulsões no aparelho psíquico. Daí a importância do dualismo pulsional.

Ademais, nesse dualismo, encontra-se um conceito crucial que articula essas duas pulsões, bem como articula a própria teoria do desenvolvimento psicosssexual, qual seja: a noção de apoio. Vejamos como Freud a define: “a atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas” (1905/1996, p.171). Laplanche e Pontalis (1960/2016) destacam a importância dessa construção teórica, afirmando ser ela uma peça fundamental da concepção freudiana da sexualidade. Freud descreve a estreita relação entre a pulsão sexual e as principais funções corporais, pois a função corporal fornece à sexualidade a sua fonte ou zona erógena, indicando, assim, um objeto e promovendo um prazer que não se reduz mais à necessidade de satisfação da função corporal. Posteriormente, a partir desse processo, a sexualidade se separa, tornando-se autoerótica. A noção de apoio também é utilizada para designar o fato de o objeto das pulsões de autoconservação ser um suporte do sexual e da futura escolha de objeto amoroso. Seria o que Freud denominou de tipo de escolha de objeto por apoio:

Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava ainda vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno. Só mais tarde vem a perdê-lo, talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação. Em geral, a pulsão torna-se autoerótica, e só depois de superado o período de latência é que se estabelece a relação originária. Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro com o objeto é, na verdade, um reencontro. (1905/1996, p.210)

Outrossim, Freud realiza um complemento importante nessa assertiva supracitada, adicionando uma nota no texto, em referência ao “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/1996), dizendo que há dois caminhos para o encontro do objeto, o primeiro foi o citado no excerto, ou seja, por apoio [ou tipo anaclítico] em modelos infantis primitivos. O segundo caminho seria o tipo narcísico, aquele que “busca o ego do próprio sujeito e vai reencontrá-lo em outrem. Este último tem uma importância particularmente grande para os desfechos patológicos” (Freud, 1905/1996, p. 210).

Laplanche (1992) ainda sublinha que autoerotismo e narcisismo designam modos de funcionamento sexual, via objeto sexual. Com eles, emerge a sexualidade, a partir do primado da necessidade, diante do qual o comentador se recusa a pensar um narcisismo mais primitivo ou um autoerotismo mais originário. O pensamento laplanchiano aproxima narcisismo e identificação narcísica, entendendo o narcisismo desde sempre como “um amor dirigido ao ego (portanto, já numa espécie de distinção tópica interna), sendo este constituído numa espécie de relação imediata com o outro” (Laplanche, 1998, p. 304).

A partir de uma reflexão sobre a teoria pulsional freudiana em uma perspectiva não dicotômica em relação ao problema do objeto, podemos afirmar, com André Green, “que a teoria de relações de objeto está presente *embrionariamente* na última concepção freudiana das pulsões [...] **é impossível considerar separadamente só as pulsões ou só o objeto**. A relação verdadeira conecta um id, construído de pulsões, a um objeto” (1995, p. 224 – grifo nosso). Vale lembrar que Green retoma o narcisismo primário absoluto, postulado por Freud, mas sem excluir uma dimensão objetal: “o objeto está e não está, ao mesmo tempo” (1988, p. 50), pois mesmo visando à abolição total de tensões, toda forma narcísica encontra um destino paralelo “às vicissitudes ligadas ao objeto” (Green, 1988, p. 145).

Considerando o desenvolvimento da teoria pulsional, da qual fala Green, sobretudo com a segunda tópica, na qual conceitos como o narcisismo e a identificação vão ganhando cada vez mais importância na construção teórica freudiana, podemos sublinhar o termo “embrionariamente”

porque acreditamos que a relação de objeto não era de fato o centro das reflexões de Freud, mas nem por isso deixa de estar presente e guardar a sua crucial importância para a construção do edifício teórico da psicanálise.

Segundo Junqueira e Coelho Junior (2013), o objeto está presente no texto freudiano desde os anos 1890, podendo ser tanto um objeto externo real quanto uma ideia abstrata. Contudo, destacam que o desenvolvimento da teoria psicanalítica freudiana foi construído em torno do conceito de pulsão. Segundo os autores, o próprio André Green enfatiza que:

Freud tendia de fato a explicar as coisas de modo mais solipsista e deu ênfase à pulsão porque cada descobridor tende a enfatizar o que traz de mais novo e original, o que, no caso de Freud, era o determinismo pulsional. Inversamente, os pós-freudianos quiseram enfatizar o objeto, o *Self* e o intersubjetivo e se afastaram da pulsão (Junqueira & Coelho Junior, 2013, p. 91).

A noção de objeto, ligação ou relação de objeto, entra tardiamente na escrita freudiana. Essa noção terá forte impacto na história da Psicanálise, desde o diálogo mais imediato que estamos abordando neste artigo, com Karl Abraham, seguindo caminhos variados como na concepção dos estados maníaco-depressivos em Melanie Klein, ou, posteriormente, na formulação do objeto *a* por Jacques Lacan.

Para Laplanche e Pontalis (1960/2016), a designação “relações de objeto” encontra-se apenas ocasionalmente nos escritos de Freud, mas, isso não quer dizer, como vimos acima, que ele ignorasse esta questão. Os comentadores também indicam que, desde os anos 1930, a noção de objeto assumiu importância crescente na literatura psicanalítica, tornando-se a referência teórica principal para muitos autores. Pensando especificamente a noção de relação de objeto para Freud, destacam duas formas principais de compreensão. A primeira delas trata sobre as terminologias da expressão “relação de objeto”, indicando: a) o “objeto” deve ser tomado como “escolha do objeto” ou “amor do objeto”, na medida que uma pessoa visada pelas pulsões é qualificada como objeto; b) “relação”, trata-se, de fato, de uma inter-relação, no sentido de o sujeito constituir seus objetos, mas estes também o modelam; c) o “de”, ao invés do uso do “com”, acentua essa inter-relação. A segunda forma de compreensão envolve situar a relação

de objeto na teoria freudiana, bem como a noção de relação de objeto na contemporaneidade, mas, por ora, vamos destacar apenas o que os autores afirmam em relação a Freud.

Os comentadores apontam que, ao desenvolver o conceito de pulsão, Freud distinguiu as fontes – conforme as supracitamos – e manteve, durante toda a sua obra, a distinção entre meta e objeto, buscando compreender ora os desvios da meta, ora os desvios do objeto. Também identificou transformações da pulsão ligadas à modificação da meta e aquelas a que o processo diz respeito ao objeto. Nesse sentido, essa distinção tem relação com o tipo de pulsão parcial. Para exemplificar, Laplanche e Pontalis (1960/2016) citam a incorporação como um modo de atividade próprio da pulsão oral; a mesma pode ser deslocada para outros órgãos além da boca, ou ser invertida em seu contrário (devorar, ser devorada, sublimada etc.), mas a sua plasticidade é relativa. Quanto ao objeto, Freud enfatizou o que foi chamado de contingência, termo que expressa duas ideias complementares, são elas: a) a única condição imposta ao objeto é promover satisfação, sendo assim, relativamente intermutável; b) o objeto pode ficar vinculado à história do sujeito, de modo que apenas esse objeto específico ou seu substituto podem promover satisfação.

Essa última acepção alude ao que se pode chamar de objeto do desejo em Freud, este que remete à expressão “escolha de objeto”, para se diferenciar da busca frenética pela satisfação pulsional nela mesma, via descarga das tensões através de objetos parciais, como na atividade autoerótica e no polimorfismo sexual infantil (Bocchi, Perez & Bocca, 2019). Do mesmo modo, ainda que se possa fazer uma distinção entre objeto da pulsão e objeto do desejo, eles não são registros excludentes (Bocchi & Simanke, 2012).

Também Freud considera tipos de caráter e de relação com os objetos. Nesse momento, estão presentes, dentre outros conceitos, a fixação e a regressão ligados à teoria das fases da libido. Assim, trata-se de um bom momento para apresentarmos o próximo tópico deste ensaio, voltado para o trabalho de Karl Abraham, sobre o desenvolvimento da libido e os modos de relações de objeto nessa dinâmica, passando por temas como a fixação, a regressão e os tipos de caráter e a psicopatologia. Nossa intenção será demonstrar como Abraham foi um dos pioneiros a destacar a importância

do objeto na dinâmica pulsional. Nesse sentido, como afirma Mezan (1999), é possível ver com clareza como a relação de objeto orienta o pensamento de Abraham.

CONTRIBUIÇÕES DE ABRAHAM

Neste tópico, buscaremos realizar uma apresentação das principais ideias presentes no trabalho de Karl Abraham, “Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais” (1924/1970), no qual o autor aborda a questão da psicose maníaco-depressiva, a fixação oral da melancolia e sua ligação com os impulsos canibalescos. Merece um destaque o fato de o texto também trazer a distinção entre neurose obsessiva e a psicose maníaco-depressiva na sua relação com as fases do desenvolvimento da libido e a sua relação com o objeto nessa dinâmica. Além das preciosas contribuições acerca do desenvolvimento da libido, operando, entre outros, os conceitos de fixação e regressão, bem como tratando das psicopatologias relacionadas a esses fenômenos, este trabalho é importante porque nele é possível identificar como a relação de objeto adquire outro estatuto e orienta Abraham em sua construção teórica.

O pensamento de Abraham também se reveste de uma importância na clínica contemporânea, pois, conforme destacou Mezan (1999), na época que Abraham escrevia, a questão da “formação do caráter” ou do “estudo do caráter”, dizia respeito aos estudos do ego, suas defesas e suas patologias. Assim, o que aparecia nos escritos da época como “‘characterologia’, quando de índole mais psicopatológica, é sobre o que chamamos hoje de *borderline* ou personalidades narcísicas; quando a perspectiva é mais genética, o assunto é a formação do ego e os problemas que ela pode apresentar” (Mezan, 1999, p. 60). O comentador indica que outra característica importante, presente nesse período, é o interesse pelo arcaico. Freud se interessava pelo tema, mas, no entreguerras, os seus colaboradores principais, com destaque para Ferenczi e Abraham, deram ênfase na temática do precoce e o efeito do passado mais remoto na vida psíquica do sujeito. Esse debate envolve a caracterização do narcisismo, do luto, da introjeção e da melancolia, atravessando a produção dos três autores na época (May, 2019).

Desse modo, Mezan (1999) destaca que o interesse na obra de Abraham não é apenas histórico, pois esse pensador trouxe contribuições originais à constituição do campo psicanalítico e seu desenvolvimento posterior.

Em seu estudo, Abraham (1924/1970) começa por elaborar uma teoria das relações de objeto para saber por quais razões o sujeito se torna psicótico ou neurótico. Mas, então, como se constrói uma relação com o objeto nessas dinâmicas psíquicas? Partindo de suas próprias convicções quanto ao papel da oralidade na identificação narcísica (May, 2019), o autor afirma que na discussão freudiana sobre a melancolia a perda de objeto de amor é recuperada pelo sujeito por meio da introjeção, de uma forma que as autoacusações do melancólico são, na verdade, dirigidas contra o seu objeto perdido.

Abraham (1924/1970) destaca ainda a afinidade psicológica entre a melancolia e as neuroses obsessivas, pelo fato de que ambas contêm claros traços da fase sádica mais primitiva da organização da libido e do alto grau de ambivalência em suas relações de objeto. Portanto, ele nota semelhanças existentes tanto no quadro clínico quanto na estrutura. Os sintomas obsessivos se acham presentes na melancolia e os neuróticos obsessivos vivenciam estados de depressão. Ambos possuem um alto grau de ambivalência em relação ao objeto. Ambos vivenciam períodos de quiescência; na melancolia, “intervalo livre”; os estados obsessivos são, geralmente, crônicos, mas têm períodos com remissões, ao mesmo tempo que nas crises agudas se parecem muito com a melancolia. Com isso, “um dos estados transforma-se gradualmente no outro, enquanto que, a princípio, víamos apenas uma separação absoluta entre os dois” (Abraham, 1924/1970, p. 85).

Assim, o autor demonstra que, durante o “intervalo livre”, a formação do caráter melancólico coincide com a do neurótico obsessivo. Isso lhe permite dizer: “as duas condições patológicas possuem uma estreita relação psicológica com uma só e mesma fase pré-genital da libido” (Abraham, 1924/1970, p. 86). No entanto, a melancolia e a neurose obsessiva apresentam diferenças fundamentais em relação à fase na qual a libido regride no início da doença, mas também na relação do sujeito para com o objeto, pois, aprofundando as indicações recentes de Freud (1923/1996), o melancólico abandona o objeto, enquanto, por sua vez, o obsessivo o

retém. Partindo dessas condições psicopatológicas, Abraham vai propor subdivisões nas fases oral e anal do desenvolvimento da libido. A fase oral primitiva-sucção e a fase oral posterior-canibalesca; e a fase sádico-anal primitiva e a sádico-anal posterior. Como supracitamos, o marco da divisão entre psicose e neurose vai se dar tanto na regressão da libido quanto nas relações de objeto.

Apesar de não tratarmos do tema neste ensaio, torna-se importante destacar que Abraham, visando esclarecer as fases do desenvolvimento da libido, as dinâmicas psíquicas envolvidas e as relações de objeto, propôs seis fases para a organização libidinal. São elas: I (fase oral primitiva-sucção); II (fase oral posterior-canibalesca); III (fase sádico-anal primitiva); IV (fase sádico-anal posterior); V (fase genital inicial-fálica); VI (fase genital final). Esse esquema, inicialmente apresentado de forma sintética e propositiva, vem ganhar destaque e notoriedade no pós-guerra, na psicanálise mais ortodoxa, ligada ao paradigma pulsional, em especial por conta de sua apropriação e generalização na fundamentação de uma teoria psicanalítica das neuroses por parte de Fenichel (1942/1981). Não obstante o fato de essa perspectiva mais generalizada ter se imposto somente depois da morte de Abraham, cabe destacarmos a existência de críticas que incidem sobre a leitura dessas fases numa lógica linear e unívoca, tanto na progressão quanto na regressão. No entanto, conforme nos orienta Mezan, “com todas as cautelas que se devem tomar, o esquema de Abraham é útil, tanto porque coloca as coisas numa sequência clara, quanto porque procura estabelecer, como diz Jones, corretamente, vínculos entre vários aspectos do funcionamento e do desenvolvimento psíquico” (1999, p. 67). Veremos a seguir como Abraham examina o problema da “escolha da neurose”, mas, antes, é oportuno registrar outra observação do comentador:

Abraham é um psicanalista, portanto pensa em termos de conflito. O sintoma, o sofrimento psíquico, resultam do impulso e da defesa contra o impulso; de tal maneira que aquilo que no quadro clínico é mais evidente resulta do esforço para contrabalançar o predomínio das tendências libidinais destrutivas (Mezan, 1999, p. 88).

Desse modo, o autor destaca que o erotismo anal comporta duas tendências de prazer opostas em relação aos objetos, a positiva envolve o reter, a negativa o expelir; bem como comporta duas tendências opostas de impulsos sádicos, a positiva envolve o conservar/controlar; por sua vez, a negativa envolve o destruir objetos. Ou seja, em ambas está presente a ambivalência dos afetos em relação ao objeto. Ademais, a organização dessas fases passa por uma demarcação, as pulsões de destruição e expulsão do objeto são mais antigas, por essa razão são mais primitivas (marcadas pelo esvaziamento dos intestinos, a perda do primitivo objeto de propriedade privada, as fezes); só depois disso vem a outra experiência prazerosa (marcada pela retenção e conservação desse primitivo objeto). Nesse sentido, a expulsão/perda das fezes, na instância inconsciente, representa uma forma arcaica de luto.

Abraham vai demonstrar que a remissão do paciente obsessivo, e o intervalo livre do melancólico, representam períodos nos quais as pulsões anais e sádicas foram sublimadas com êxito pelo sujeito. No entanto, assim que se instala o conflito com o seu objeto, há duas experiências distintas. O neurótico obsessivo regride para o nível posterior das pulsões anais e sádicas (fase sádico-anal posterior), ou seja, regride para um ponto de fixação da libido com tendências conservadoras, no qual mantém o contato com o objeto. Por sua vez, o melancólico regride para a etapa mais primitiva (fase sádico-anal primitiva), a com tendências hostis ao objeto, de destruição e perda do mesmo. Nas palavras do autor:

Esta diferenciação da fase sádico-anal em uma etapa primitiva e outra posterior parece ser de radical importância, porque na linha divisória entre essas duas etapas dá-se uma modificação decisiva na atitude do indivíduo para com o mundo exterior. Na verdade, podemos dizer que é nessa linha divisória que começa o “objeto de amor”, no sentido mais estrito, porque é nesse ponto que a tendência a preservar o objeto começa a predominar. (Abraham, 1924/1970, p. 94-95)

Dessa forma, na melancolia, há uma regressão para uma fase ainda mais arcaica, a fase oral. Nesse sentido, Abraham indica, em acordo com

a visão freudiana, que a perda de objeto de amor é recuperada pelo sujeito por meio da introjeção. No entanto, há diferenças dessa introjeção para a pessoa normal e para o melancólico.

Na pessoa normal, ela é colocada em ação por uma perda real (a morte) e seu fim principal é preservar as relações da pessoa com o objeto morto ou, o que vem a ser a mesma coisa, compensar a sua perda. Ademais, o conhecimento consciente da perda nunca abandonará a pessoa normal, como o faz o melancólico. O processo de introjeção no melancólico, além disso, baseia-se numa perturbação radical de suas relações libidinais com seu objeto. Repousa num grave conflito de sentimentos ambivalentes, dos quais só pode fugir voltando contra si próprio a hostilidade que originalmente sentia em relação ao seu objeto. (Abraham, 1924/1970, p.100)

Também destaca que a pessoa normal consegue deslocar os seus sentimentos hostis em relação a um objeto que ela perdeu na realidade. O melancólico não consegue realizar esse deslocamento, porque está presente um conflito muito intenso baseado numa ambivalência libidinal, daí que todo sentimento amoroso é ameaçado por uma emoção oposta. Segundo Abraham, uma frustração, ou mesmo um desapontamento com relação ao objeto amado pode, a qualquer momento, liberar uma poderosa “vaga de ódio que varrerá todos os seus sentimentos de amor debilmente fixados. Tal remoção das catexias libidinais positivas terá o efeito mais profundo: conduzirá ao abandono do objeto” (1924/1970, p.103). Aqui, é interessante observar que Abraham recoloca em termos pulsionais a descrição que Freud faz da fragilidade do vínculo afetivo do melancólico: uma intensa fixação ao objeto, mas pouco resistente.

Na sequência de sua proposição teórica, Abraham demonstra que, na melancolia, após a perda do objeto na fase anal, existe uma tendência para regredir para uma posição ainda mais primitiva, a fase oral, buscando reincorporar o objeto de amor perdido. Assim, os pacientes melancólicos apresentam grande número e variedade de tendências sádico-orais em seus sintomas, fantasias e sonhos. Nesse sentido, vai se estabelecendo “uma trança entre vários elementos da psicopatologia, que não tem mais nada a

ver com os sintomas. É isso que torna psicanalítica a tentativa de elaborar um quadro da psicopatologia: o que interessa é a dinâmica” (Mezan, 1999, p. 87).

Dessa forma, como demonstra Abraham (1924/1970), dada a fixação da libido na fase oral, há a produção de fantasias com fortes tendências perversas envolvendo o uso da boca, o que gera defesas como formações reativas com afetos ligados ao horror, ao nojo e à repulsa. Um caso clínico citado como exemplo traz um paciente melancólico que se recusa absolutamente a ingerir alimentos, o que classificariamos atualmente como anorexia. Segundo o autor, este seria um exemplo da recusa como autopunição pelos impulsos canibalescos. Essas tendências constituem fonte de grande sofrimento mental para os pacientes deprimidos, mesmo quando se considera o prazer masoquista, especialmente nos casos que se voltam ao ego sob essa forma de autopunição, pois, na melancolia, o desprazer prevalece, uma vez que a libido regrediu para fase oral depois da perda do objeto.

Como vimos, Abraham realiza uma divisão na fase oral. Importante destacarmos que, nessa divisão, a mais primitiva delas é pré-ambivalente em relação ao objeto, a fase oral primitiva-sucção, ou seja, está ligada ao ato de sugar. Nesse ato de incorporação, a criança não dá fim ao objeto, pois a mesma ainda não distingue o seu próprio eu do objeto externo. Ego e objeto são conceitos inexistentes nessa fase, também, a criança ainda não possui sentimentos de ódio e amor, estando livre de ambivalência.

No segundo nível da fase oral, a criança troca o ato de sugar pelo de morder, aqui a criança incorpora o objeto em si própria, destruindo-o. Trata-se da fase oral posterior-canibalesca, na qual predominam os impulsos canibalescos. Conforme enfatiza Abraham, “assim que uma criança é atraída por um objeto, está sujeita, fadada mesmo, a tentar a sua destruição. É neste estágio que a atitude ambivalente do ego para com seu objeto começa a desenvolver-se” (1924/1970, p.112). Assim, o melancólico regride a essa posição depois de perder o seu objeto, num nível no qual o sujeito ameaça destruir o seu objeto, devorando-o. Ou seja, ela busca reintrojetar o objeto, mas nesse processo o destrói. Outrossim:

Quando a catexia libidinal é retirada do objeto, ela é dirigida para o ego, enquanto que, ao mesmo tempo, o objeto é introjetado no ego. O ego deve suportar todas as consequências deste processo; daí por diante achar-se-á ele impiedosamente exposto à ambivalência dos impulsos libidinais. (Abraham, 1924/1970, p.112)

No entanto, o melancólico apresenta uma ambivalência em relação ao próprio ego, tanto que ora apresenta sentimentos de grande inferioridade, ora de grande superioridade, e esse sentimento fica mais evidente na fase maníaca, na qual a diferença entre o ego e o superego desaparece. Essa retirada do jugo do superego permite que o narcisismo do sujeito ingresse numa fase prazerosa, voltando a sua libido para o mundo exterior com excesso de voracidade. Trata-se de uma dinâmica narcísica, pois temos uma “antítese entre a libido do ego e a libido objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia” (Freud, 1914/1996, p. 83). Mas, aqui, temos com Abraham a dinâmica narcísica com a justaposição de afetos opostos, a saber:

Dessa maneira, a melancolia apresenta um quadro no qual se encontram, em justaposição imediata, embora absolutamente opostos um ao outro, o auto-amor e o auto-ódio, uma superestimação e uma subestimação do ego, ou seja, as manifestações de um *narcisismo positivo e de um narcisismo negativo* (1924/1970, p.116 – grifos do original).

Isso posto, retomando a mania - problema que Freud deixara em aberto ao fim de “Luto e Melancolia” e que indica a própria ressonância das contribuições de Abraham (May, 2019) – o autor enumera cinco fatores da psicogênese das psicoses maníaco-depressivas, quais sejam:

- 1) Fator constitucional: não existe uma herança hereditária direta, mas o que é herdado é uma exacerbação do erotismo oral, o qual está presente nas famílias.
- 2) Uma fixação especial da libido no nível oral: as pessoas têm uma intensificação constitucional de seu erotismo oral e são exigentes na gratificação de sua zona erógena, reagindo com acentuado desprazer a esse respeito; assim, apresentam um prazer excessivo no ato de sugar, obtêm prazer anormal no ato de comer.

- 3) Uma grave lesão no narcisismo infantil, produzida por sucessivos desapontamentos amorosos; sentimento de desamparo e a impressão de ter sido abandonado; tentativas recorrentes de obter amor dos objetos investidos.

Sobre essa grave lesão no narcisismo infantil, torna-se importante destacarmos a seguinte observação:

Este elemento é novo, e se deve a Abraham. É uma adaptação da ideia do trauma, que priva por assim dizer a criança dos seus objetos orais, e também dos seus objetos de amor. Ele chega a dizer aqui que essa decepção frequentemente é bilateral, isto é, concerne ao pai e à mãe. Não é só o abandono pela mãe, mas um tipo de trauma no qual o pai não é capaz de reparar a ausência materna, ou o contrário; a criança se vê então presa de um sentimento de abandono extremamente doloroso e intenso. Se isso ocorrer na fase oral, ela reagirá a isso no modo oral, ou seja, com extrema avidez e tentando abarcar o que lhe passa pela frente, desenvolvendo os mecanismos de introjeção patológica: isto porque a maneira de não perder, nesse momento, é comer, como se isto fosse uma defesa. A isso Abraham chama a decepção primária da infância. (Mezan, 1999, p. 90)

- 4) A ocorrência do primeiro desapontamento amoroso é importante antes de que os desejos edipianos tivessem sido superados.

Nesse estágio, os desejos incestuosos da criança se acham em plena atividade, mas as forças repressivas ainda não ganharam o controle sobre seus impulsos edipianos; nessa época os seus impulsos sádico-orais ainda se encontram com plena força, estabelecendo-se uma associação permanente entre o seu complexo de Édipo e o estágio canibalesco de sua libido; isso facilitará uma introjeção subsequente de ambos objetos de amor, primeiro a mãe, depois o pai – ou seus substitutos.

Aqui, cabe destacarmos uma distinção entre incorporação e introjeção, uma vez que ambos os termos estão presentes neste trabalho de Abraham. Nesse sentido, incorporação refere-se ao invólucro corporal, sendo o protótipo de toda e qualquer separação entre um interior e o exterior. Por sua vez, o termo introjeção é mais amplo, comportando não só o interior do corpo, mas o interior do aparelho psíquico, de uma instância etc.:

“(...) foi evidenciada por Freud na análise da melancolia e depois reconhecida com um processo mais geral. Nesta perspectiva, ela renovou a teoria freudiana da identificação” (Laplanche & Pontalis, 1960/2016, p. 249).

5) A repetição do desapontamento primário na vida ulterior: essa seria a causa que provoca o desencadeamento de uma depressão melancólica.

Em suma, apresentamos neste tópico as principais contribuições teóricas propostas por Abraham em seu texto clássico. Para o nosso recorte de análise, trata-se de um trabalho que demonstra como o objeto ganha um outro estatuto na construção teórica desse autor e, em um sentido mais amplo, da própria teoria psicanalítica que se desenvolvia, sobretudo a partir do conceito de narcisismo e dos processos de incorporação e introjeção, e com os seus posteriores desdobramentos a partir da virada dos anos vinte, nos quais ganham importância os processos de identificação e a estruturação das instâncias psíquicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos neste ensaio apresentar de maneira sucinta algumas das principais transformações pelas quais passou a constituição da teoria psicanalítica, destacando em nossa apresentação o desenvolvimento de alguns paradigmas, dentre os quais estão o pulsional e o objetal. Nossa intenção principal foi conhecer como a noção de relação de objeto está presente na teoria pulsional de Freud, sobretudo na primeira tópica, bem como conhecer os desdobramentos da relação de objeto no pensamento de um dos principais psicanalistas da primeira geração, Karl Abraham.

Em primeiro lugar, destacamos que é de fundamental importância compreender a dinâmica pulsional e a relação de objeto como formas indissociáveis, estabelecidas ao longo do desenvolvimento libidinal. Não é possível separar essas dimensões sem um prejuízo para a compreensão teórica e clínica dos fenômenos abordados pela psicanálise. Assim, mecanismos como a incorporação, introjeção, narcisismo e identificação vão demonstrando como vai se tornando mais complexa e ganhando importância a noção de objeto para psicanálise. Outra questão que merece destaque é a importância da sexualidade infantil nessa intrincada dinâmica

pulsional e objetal, principalmente quando se considera o investimento que o objeto realiza no sujeito, ou seja, o quanto as relações e o investimento desejante de outrem estruturam a vida psíquica do sujeito. Sobre esta dinâmica, Zornig faz uma observação precisa:

A dimensão única da sexualidade na infância se refere à sua associação direta com a relação afetiva estabelecida entre a criança e seus cuidadores. Assim, ao cuidar de seu corpo, a criança está internalizando a função maternante de seus pais. Ao sentir uma excitação física, ela vai inicialmente precisar de adultos que acolham sua excitação desorganizada e lhe deem um contorno simbólico e afetivo (2008, p. 76)

Por outro lado, o desenvolvimento da teoria das relações de objeto tem outro efeito e aqui retomamos o que indicamos acima, quando Laplanche e Pontalis (1960/2016) falavam sobre a relação de objeto na contemporaneidade. Segundo os comentadores, o uso contemporâneo da noção de objeto, quando utilizado sem a devida revisão da teoria freudiana da pulsão, modifica o equilíbrio entre essas dimensões teóricas. Com isso, a noção de objeto passa a ser simultaneamente uma noção englobante “holística” e tipificante da evolução da personalidade. Além disso, destacam que, na medida em que a noção de relação de objeto acentua a vida relacional do sujeito, existe o risco de se considerar as relações reais com o meio como principais determinantes, e isso seria um desvio que deve ser recusado, pois “a relação de objeto deve ser estudada essencialmente ao nível fantasístico, entendendo-se, evidentemente, que as fantasias podem vir modificar a apreensão do real e as ações que se referem a ele” (Laplanche & Pontalis, 1960/2016, p. 446).

Desse modo, cabe destacar que, com o desenvolvimento das escolas de psicanálise, o objeto tomou tamanha proporção que, como ressalta Green, na teoria das relações de objeto substituiu-se “a orientação de ‘busca do prazer’ da atividade psíquica pela de ‘busca de objeto’” (1995, p. 222). Essa modificação gerou diferentes noções de desenvolvimento, de psicopatologia e de manejo clínico psicanalítico em nossa contemporaneidade.

Uma das principais consequências desse fenômeno pode ser identificada numa pergunta lançada por André Green, já no final do século

passado, foi ela: “sexualidade tem algo a ver com psicanálise?” (1995, p. 217). Ela foi feita em uma conferência e surgiu quando o proeminente psicanalista advertiu os presentes sobre a falta de interesse pela sexualidade por parte dos psicanalistas. O efeito desse fenômeno é que a sexualidade, muitas vezes, não é mais percebida na escuta clínica, ou mesmo não é mais considerada como o fator principal no desenvolvimento infantil, nem determinante etiológico para a compreensão psicopatológica, e, mesmo estando muito presente na clínica, acaba por ser tomada, enquanto manejo e técnica clínica, como uma defesa a ser interpretada em conjunto com outros aspectos ocultos “além” da sexualidade, ou como consequência de fatos ocorridos na infância, “antes” da sexualidade.

Essas questões parecem indicar a importância de, no manejo clínico, – respeitando-se os limites de uma articulação, bem como a complexidade das teorias – fazer operar os conceitos estruturados a partir da teoria pulsional e objetal. Nessa perspectiva, o presente trabalho visa recolocar no debate psicanalítico atual a importância de reconhecer o papel central da sexualidade infantil, das fases de desenvolvimento da libido, as fixações, as regressões, os processos narcísicos e identificatórios, sobretudo os advindos do complexo de Édipo. Desse modo, evidencia-se a importância da escuta das formações do inconsciente, como os sintomas, atos falhos, bem como as defesas e os conflitos em cena, a partir do reconhecimento da múltipla e complexa determinação da realidade psíquica. Trata-se de uma *sobredeterminação* da realidade psíquica, e este nos parece ser um ponto central, no que diz respeito àquilo que é da ordem da fantasia do sujeito, correspondendo à verdade do desejo. São esses os principais fatores que ordenam e organizam a relação do sujeito com a realidade, consequentemente, com a história vivenciada de relações de objeto, as quais, por meio de investimentos objetais e processos identificatórios com a alteridade, constituem o aparelho psíquico.

Ressalta-se, por fim, a contribuição inédita de Abraham na discussão sobre as sobreposições e diferenças entre melancolia e neurose obsessiva, na perspectiva da teoria da libido e desenvolvimento em psicanálise. Tais observações podem renovar o debate sobre a noção de estrutura, sobretudo tendo em vista a maior presença na clínica atual de dinâmicas ou patologias

do narcisismo e os desafios revelados pela sua marcante instabilidade, através de quadros graves e híbridos, do ponto de vista dos deslocamentos entre os territórios da neurose e da psicose, como nos estados limites, *borderlines* ou psicossomáticos.

Em suma, o estudo apresentado neste ensaio procurou refletir sobre como a teoria pulsional e uma vertente objetal foram se desenvolvendo na psicanálise no início do século passado, de forma concomitante, sobretudo a partir das fundações teóricas de Freud e Abraham, indicando como as concepções de objeto dessas teorias podem fundamentar diferentes noções de desenvolvimento, de psicopatologia e de manejo clínico na contemporaneidade. Tratou-se de um estudo introdutório, o qual pode ser aprofundado em outras oportunidades, já que a importância do tema é promissora ao localizar alguns efeitos dessas bases histórico-conceituais para a clínica psicanalítica atual.

REFERÊNCIAS

- Abraham, K. (1924/1970). Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais. In: K. Abraham. *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (pp. 81-160). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Birman, J. (2016). *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico* (3a ed). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Bocchi, J.C.; Perez, D.O.; Bocca, F.V. (2019). *Ontologie sans miroirs - Essai sur la réalité Borges. Descartes. Locke. Berkeley. Kant. Freud*. Traduit du portugais (Brésil) par Isabelle Alcaraz. Paris: L'Harmattan.
- Bocchi, J.C; Simanke, R. T. (2012). Concepções do objeto na psicanálise freudiana: da mônada narcísica à escolha do objeto amoroso. In: R.T. Simanke; F.V. Bocca; C., Murta (Orgs.) *Psicanálise em perspectiva, volume III* (pp.113-129). Curitiba, PR: Editora CRV.

- Campos, E. B. V. (2010). A posição singular da psicanálise no campo dos saberes e práticas psicológicas. In: A. A. L. Ferreira, (Orgs.). *A pluralidade do campo psicológico: principais abordagens e objetos de estudo* (pp. 149-180). Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ.
- Campos, E. B. V. (2011). Limites da representação na metapsicologia freudiana. *Psicologia USP* 22(4): 851-877.
- Coelho Junior, N. E. (2001). A noção de objeto na psicanálise freudiana. *Ágora* 4(2): 37-49.
- Freud, S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VII*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1914/1996). Introdução ao narcisismo. In: S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1915/1996). Os instintos e suas vicissitudes. In: S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1917/2016). Luto e melancolia. In: S. Freud. *Neurose, psicose, perversão* (Obras Incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora
- Freud, S. (1923/1996). O ego e o Id. In: S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XX*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Fenichel, O. (1945/1981). *Teoria psicanalítica das neuroses*. São Paulo, SP: Atheneu.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo, SP: Escuta.
- Green, A. (1995) Sexualidade tem algo a ver com psicanálise? *Livro anual de psicanálise*. 11, 217-229. São Paulo, SP: Escuta.
- Green, A. (2008) *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. São Paulo, SP: SBPSP; Rio de Janeiro, RJ: Imago.

- Junqueira, C. & Coelho Junior, N. E. (2013). Limites e possibilidades de diálogo: a teoria pulsional e a teoria das relações de objeto. *Cadernos de Psicanálise*, 35 (29): 89-104.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas I: a angústia*. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1960/2016) *Vocabulário da psicanálise* (4a ed). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- May, U. (2019). In conversation: Freud, Abraham and Ferenczi on “Mourning and Melancholia” (1915–1918). *The International Journal of Psychoanalysis*, 100(1): 77-98.
- Mezan, R. (1999) O inconsciente segundo Karl Abraham. *Psicologia USP*, 10 (1), 55-95.
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Ogden, T. (2002). A new reading of the origins of object relations theory. *The International Journal of Psychoanalysis*, 83(1): 7677-82.
- Zornig, S. M. A.-J. (2008) As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. *Psicologia em Estudo*: 13 (1), 73-77.

Recebido em 01/10/2019

Aceito em 14/04/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.